

BARRIS

PMS	GERIN
BIE	
Jornal	<i>A Tarde</i>
Data	15.06.02
Caderno	Página 4
Seção	
Assunto	
<i>Barris</i>	

Decadência dos Barris começou com a Lapa

INSEGURANÇA
Existência de um quartel no bairro não é uma garantia de tranquilidade

MANUELA BARROS

A decadência é a característica mais marcante dos Barris. Situado no Centro de Salvador, o bairro, que já foi moradia de gente importante, como o cineasta Glauber Rocha e o compositor Tom Zé, vem sofrendo, nas últimas décadas, com o descaso da prefeitura, que não dedica à área o cuidado que ela merece. Esse descuido pode ser percebido ao dar-se uma volta pelas ruas dos Barris. Calçadas esburacadas, árvores que não são podadas, antigos casarões entregues ao envelhecimento e um comércio desorganizado compõem a fotografia atual do bairro.

"Isso aqui ficou esquecido no tempo. Está abandonado por vida, está tudo se acabando nos Barris", lamentou a dona-de-casa Eunice Soares, moradora da Rua Almeida Sande há 38 anos. Ela fica assustada quando se lembra das transformações pelas quais o bairro vem passando. "Antes, esse era um bairro tipicamente residencial, tranquilo, seguro. Hoje em dia, o comércio tomou conta de tudo e o bairro perdeu seu charme".

Como marco dessas mudanças está a inauguração, em 1982, da Estação da Lapa, por onde diariamente circulam milhares de pessoas. Muitos dos usuários da estação acabam passando pelo bairro, aumentando demasiadamente o fluxo de pedestres nas ruas. "O problema é que tem gente de todos os bairros de Salvador andando por aqui. O movimento é muito grande e acabou com a tranquilidade do local", queixou-se a dona-de-casa. A médica Fani Cristina, filha de Eunice, morou no bairro quando criança e apóia as reclamações



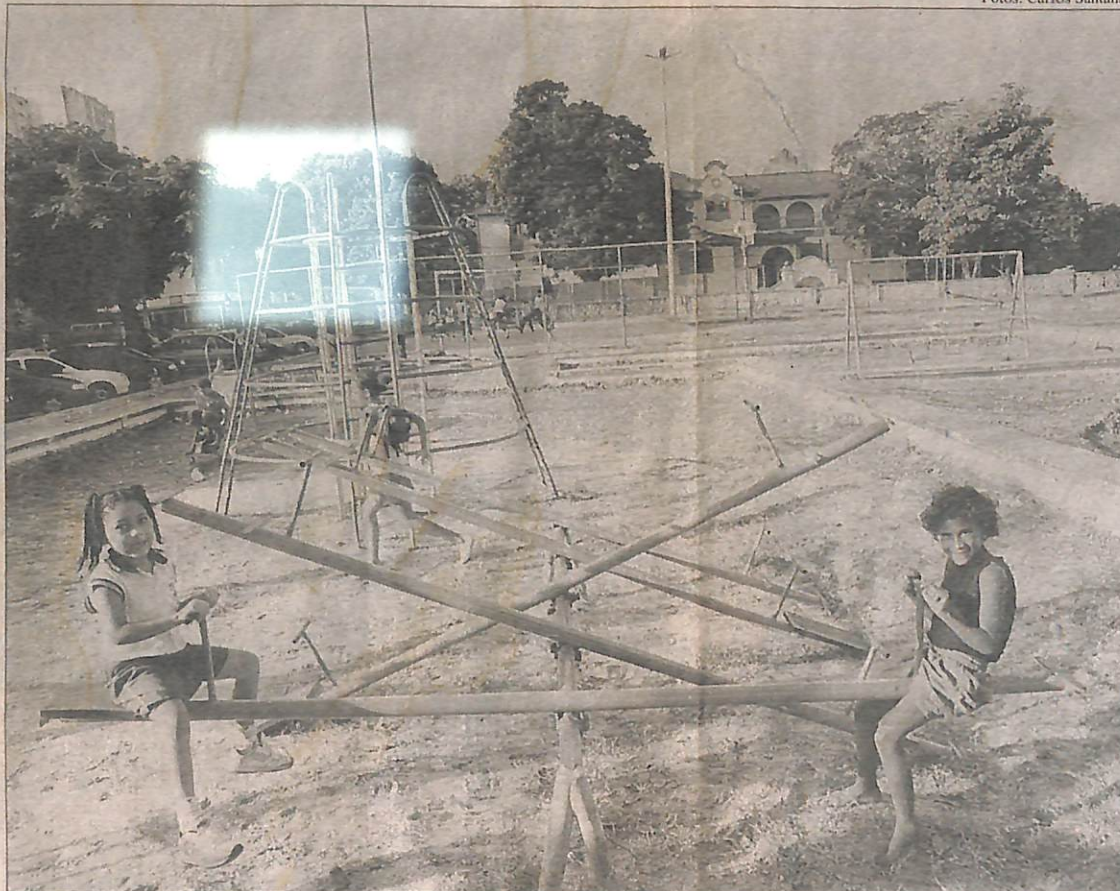
da mãe. "Esse crescimento do número de pessoas só trouxe consequências ruins. Passaram a ocorrer muitos assaltos durante o dia, e à noite, algumas ruas tornaram-se bocas de fumo", relatou a médica.

Depois da Estação da Lapa, os moradores dos Barris reclamam muito da passarela que liga o bairro ao Tororó. "Essa passarela é uma confusão e tem que ter coragem para passar por lá à noite. Sempre há o perigo de ser assaltado", relatou o empresário Augusto Gusmão, que nasceu nos Barris e mora no local há 47 anos. Como seus vizinhos, ele chama atenção para o problema da segurança, lembrando que existe um quartel da Polícia Militar localizado na área, mas não há policiamento algum.

Recordação de infância

"As ruas são mal iluminadas e as árvores dão esconderijo para assaltantes. À noite, não passa uma viatura sequer fazendo uma ronda por aqui", contou o empresário. Segundo ele, deixar um carro estacionado nas calçadas é um perigo, pois, quase diariamente, veículos são arrombados. "Se não arrombam, os ladrões levam pelo menos o retrovisor", ironizou. "É um descaso total das autoridades e nós ficamos aqui vendo o bairro se acabar". Para comprovar o que fala, o empresário mostra os galhos de árvores que crescem em meios aos fios de alta-tensão e as calçadas arrebentadas e esburacadas, sem que ninguém tome qualquer providência.

Um dos maiores sinais do descuido com a área é a Praça Coelho Neto, localizada na Rua Comendador Gomes Costa. Se an-



Mesmo descuidada, a praça do bairro é aproveitada pelas crianças nas horas de diversão

tes era um local que atraía os moradores, atualmente é um ponto que "só atrai moleques que vão para lá usar drogas e jogar futebol", como salientou o empresário. As grades estão arrebentadas, os brinquedos do parque, enferrujados, a grama, mal aparada — sinais da degradação dos Barris. "É uma tristeza ver que a praça se acabou, pois foi aqui que passei a minha infância brincando".

Apesar dos muitos problemas, os moradores afirmam que o local mantém um certo "charme". Essa qualidade dos Barris, citada pelos habitantes, diz respeito ao fato de o bairro preservar alguns características de comunidade pequena. Apesar das reclamações de falta de segurança e o descuido com a aparência do local, a própria estrutura dos Barris dá a impressão de um lugar que parou no tempo. As constru-

ONDE FICA



ções mais frequentes são casarões e sobrados, distribuídos em quadras arborizadas e cortadas por ruas de paralelepípedos. O

grande problema, para os que habitam a região, é ver que esse "charme" está se acabando por causa do descaso do governo.

Moradores saíram após os problemas

"Esse já foi um bairro nobre, mas a decadência é evidente. Cada vez mais, o bairro vem perdendo as suas características", comentou o museólogo Estácio Fernandes, que está no local há 16 anos. "Minha família morou aqui em meados do século passado e eu percebo como o bairro mudou", completou. Se antes ele mantinha a característica de ser um bairro tipicamente residencial, atualmente é tomado por casas comerciais.

Há os shoppings Lapa e Piedade, cursinhos, bares, lanchonetes, sindicatos, pensionatos e muitas clínicas. A maioria desses lugares ocupa prédios que, décadas atrás, eram residências. "Muitos moradores deixaram os Barris quando perceberam que o bairro começou a decair. Eles foram para bairros emergentes, como Itaipava e Pituba, e suas casas foram ocupadas por todo tipo de comércio", explicou o museólogo, acrescentando que muitas que não se tornaram pontos comerciais acabaram abandonadas.

A Rua General Labatut, a principal e uma das poucas asfaltadas, tem dezenas de pontos comerciais, e, por causa disso, o trânsito é confuso, com problemas de estacionamento e um intenso movimento. A General Labatut é o local que mais evidencia os contrastes do bairro e o medo de muitos moradores é que todas as ruas dos Barris adquiram as mesmas características de sua via principal.

Está instalada nos Barris a Biblioteca Central do Estado, construída na General Labatut em 1970. A biblioteca oferece um ambiente de cultura, em meio a tantos problemas. Por causa da sua instalação, o bairro ganhou um local que abriga exposições, peças de teatro, salas de cinema e vídeo, atraindo estudantes e pessoas interessadas em atividades culturais.

Dona Carminha é só saudade

Os Barris é um dos poucos bairros de Salvador que tiveram um plano para sua instalação. O projeto foi elaborado pelo professor Manoel Pinto de Aguiar, que era funcionário da Caixa Econômica Federal, banco responsável pela construção de muitas das casas da região. A criação do bairro data da década de 30, época em que Carmem Tannus, conhecida por todos como dona Carminha, se mudou para lá. Há 63 anos, ela mora na casa de número 116 da Rua Comendador Gomes Costa. "Foi meu pai que construiu esta casa e nos mudamos para cá no Natal de 1939. Eu e meus 11 irmãos fomos criados aqui e neste período vi todas as mudanças que o bairro sofreu", disse ela.

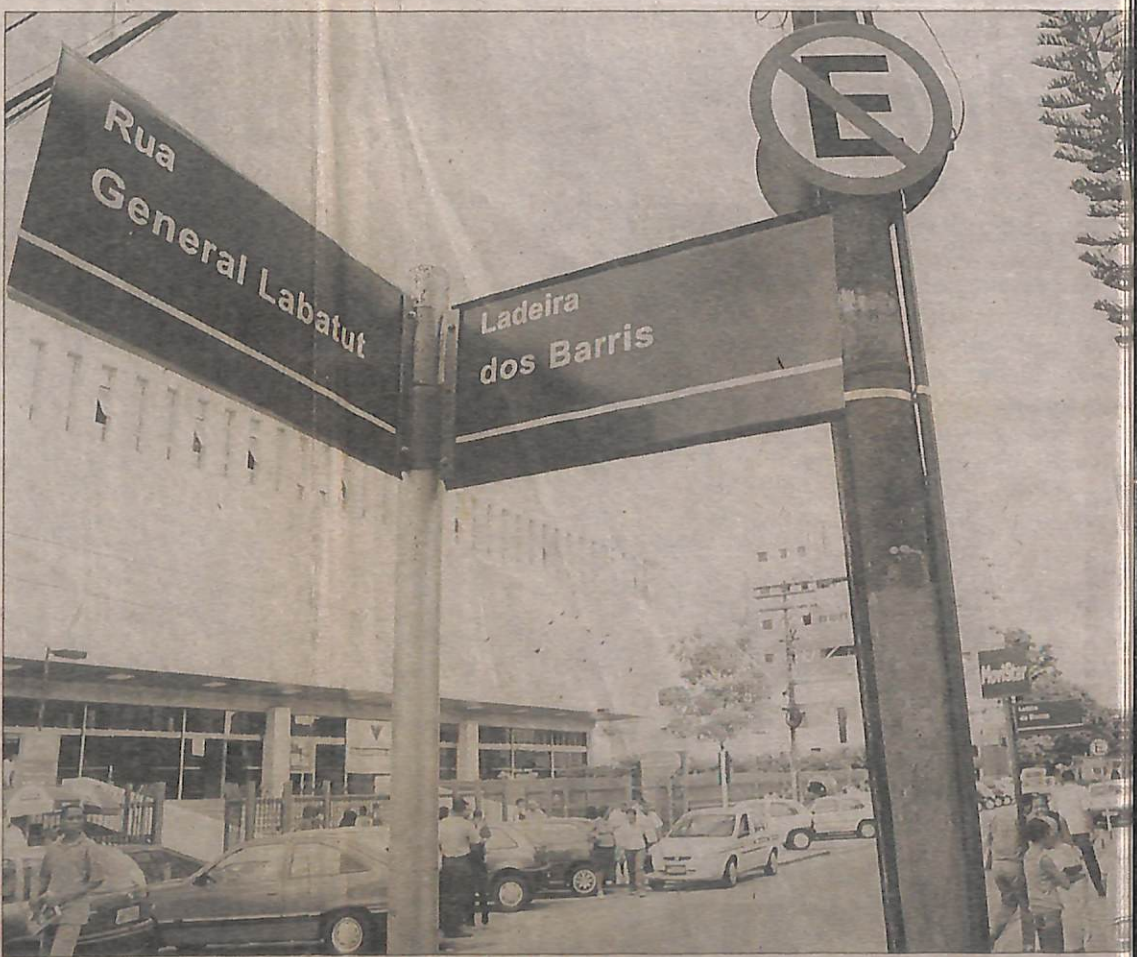
Dona Carminha lembra com saudades da época em que chegou aos Barris. "Isso aqui era uma beleza, um lugar agradável de se morar". A Praça Coelho Neto, símbolo da decadência do bairro, era, segundo ela,

um lugar florido, "cheio de margaridas". Se, hoje em dia, a praça passa despercebida, antes chamava atenção. "Eram sete fontes luminosas que ficavam ligadas entre quinta e domingo, tinha o jardim e postes de iluminação, que vieram da França", lembrou. O local era ponto de encontro principalmente dos casais de namorados. "Mas o namoro não era como esses de hoje", frisou.

Como o bairro fica em uma parte alta de Salvador, a praça dá uma vista de boa parte da cidade. Mas a visão atual contempla apenas prédios. No "tempo de dona Carminha", quem sentava nos bancos da Praça Coelho Neto podia ver o mar. "Não existiam todas essas construções na frente e a vista aqui era linda". Uma das coisas que ela mais gostava dos Barris de antigamente era o fato de que todos os vizinhos se conheciam. "Nós fazíamos festas de São João na rua e todos costumavam frequentar minha casa. Muita gente conhecida da sociedade baiana morava aqui". Dona Carminha sente saudades de como era o bairro antes, mas não pretende deixar os Barris. "A família era grande e hoje eu moro sozinha nesse casarão. Mas não pretendo sair daqui, pois quero deixar essa casa para os meus familiares".

Curiosidade

Um antigo costume de moradores da região foi o que "batizou" o bairro, dando-lhe o nome de Barris. Conta-se que havia uma fonte de água potável, onde atualmente está situada a Estação da Lapa. Era costume à população local apanhar água dessa fonte para consumo e, para fazer o transporte da água até as casas, ela era armazenada em barris, que eram levados no lombo dos animais. É dos barris de água que vem o nome do bairro.



Na Biblioteca Central, inaugurada na década de 70, eventos que asseguram ambiente cultural